

Pierre Menard, autor do Quixote

A Silvina Ocampo

A obra visível que deixou este romancista é de fácil e breve enumeração. São, portanto, imperdoáveis as omissões e acréscimos perpetrados por Madame Henri Bachelier num catálogo falacioso que certo diário cuja tendência *protestante* não é segredo teve a desconsideração de infligir aos seus deploráveis leitores — embora estes sejam poucos e calvinistas, quando não maçons e circuncidados. Os amigos autênticos de Menard viram com alarme esse catálogo e também com certa tristeza. Dir-se-ia que ainda ontem nos reunimos diante do mármore final e no meio dos ciprestes infaustos e já o Erro tenta deslustrar a sua Memória... Decididamente, é inevitável uma breve rectificação.

Consta-me que é fácilimo recusar a minha pobre autoridade. Espero, no entanto, que não me proíbam de mencionar dois elevados testemunhos. A baronesa de Bacourt (em cujos *vendredis* inesquecíveis tive a honra de conhecer o chorado poeta) julgou por bem aprovar as linhas que se seguem. A condessa de Bagnoregio, um dos espíritos mais finos do principado do Mónaco (e agora de Pittsburgh, Pensilvânia, após o seu recente casamento com o filantropo internacional Simon Kautzsch, tão caluniado, ai!, pelas vítimas das suas desinteressadas manobras) sacrificou «à veracidade e à morte» (tais são as suas palavras) a senhoril reserva que a distingue e numa carta aberta publicada na revista *Luxe* concede-me igualmente o seu beneplácito. Estas nobres acções, creio eu, não são insuficientes.

Disse que a obra *visível* de Menard é facilmente enumerável. Examinado com o maior cuidado o seu arquivo particular, verifiquei que consta das peças seguintes:

a) Um soneto simbolista que apareceu duas vezes (com variantes) na revista *La conque* (números de Março e Outubro de 1899).

b) Uma monografia sobre a possibilidade de construir um vocabulário poético de conceitos que não sejam sinónimos ou perífrases de que se forma a linguagem comum, «mas objectos ideais criados por uma ,convenção e essencialmente destinados às necessidades poéticas» (Nîmes, 1901).

c) Uma monografia sobre «certas conexões ou afinidades» do pensamento de Descartes, de Leibniz e de John Wilkins (Nîmes, 1903).

d) Uma monografia sobre a *Characteristica universalis* de Leibniz (Mines, 1904).

e) Um artigo técnico sobre a possibilidade de enriquecer o xadrez eliminando um dos peões de torre. Menard propõe, recomenda, discute e acaba por rejeitar esta inovação.

f) Uma monografia sobre a *Ars magna generalis* de Ramon Lull (Nîmes, 1906).

g) Uma tradução com prólogo e notas do *Livro da Invenção Liberal e Arte do Jogo de Xadrez* de Ruy López de Segura (Paris, 1907).

h) Os rascunhos de uma monografia sobre a lógica simbólica de George Boole.

i) Uma análise das leis métricas essenciais da prosa francesa, ilustrada com exemplos de Saint-Simon (*Revue des langues romanes*, Montpellier, Outubro de 1909).

j) Uma réplica a Luc Durtain (que negara a existência de tais leis) ilustrada com exemplos de Luc Durtain (*Revue des langues romanes*, Montpellier, Dezembro de 1909).

k) Uma tradução manuscrita da *Aguja de navegar cultos* de Quevedo, intitulada *La boussole des précieux*.

l) Um prefácio ao catálogo da exposição de litografias de Carolus Hourcade (Nîmes, 1914).

m) A obra *Les problèmes d'un problème* (Paris, 1917) que discute por ordem cronológica as soluções do ilustre problema de Aquiles e da tartaruga. Surgiram até agora duas edições deste livro; a segunda traz como epígrafe o conselho de Leibniz «*Ne craignez point, monsieur, la tortue*», e remodela os capítulos dedicados a Russell e a Descartes.

n) Uma obstinada análise dos «costumes sintácticos» de Toulet (N. R. F., Março de 1921). Menard — recorde — declarou que censurar e louvar são operações sentimentais que nada têm a ver com a crítica.

o) Uma transposição em alexandrinos do *Cimetière marin* de Paul Valéry (N. R. F., Janeiro de 1928).

p) Uma invectiva contra Paul Valéry, nas *Folhas para a Supressão da Realidade* de Jacques Reboul. (Esta invectiva, diga-se entre parênteses, é o reverso exacto da sua verdadeira opinião sobre Valéry. Este assim o entendeu e a amizade antiga entre os dois não correu perigo).

q) Uma «definição» da condessa de Bagnoregio, no «vitorioso volume» — a locução é de outro colaborador, Gabriele d'Annunzio — que anualmente publica esta dama para rectificar os inevitáveis falseamentos do jornalismo e apresentar «ao mundo e à Itália» uma autêntica imagem da sua pessoa, tão exposta (pela própria razão da sua beleza e da sua actuação) a interpretações erróneas ou apressadas.

r) Um ciclo de admiráveis sonetos para a baronesa de Bacourt (1934).

s) Uma lista manuscrita de versos que devem a sua eficácia à pontuação^[1].

Até aqui (sem outra omissão além de uns vagos sonetos de circunstância para o hospitaleiro, ou ávido, álbum de Madame Henri Bachelier) a obra *visível* de Menard, na sua ordem cronológica. Passo agora à outra: a subterrânea, a interminavelmente heróica, a ímpar. E também — ai das possibilidades do homem! — a inacabada. Esta obra, talvez a mais significativa

do nosso tempo, consta dos capítulos nono e trigésimo oitavo da primeira parte do Dom Quixote e de um fragmento do capítulo vinte e dois. Sei que esta afirmação parece um dislate; justificar este «dislate» é o objectivo primordial desta nota^[2].

Dois textos de valor desigual inspiraram a empresa. Um é aquele fragmento filológico de Novalis — o que tem o número 2005 na edição de Dresden — que esboça o tema da total identificação com um autor determinado. Outro é um desses livros parasitários que situam Cristo num bulevar, Hamlet na Cannebière ou Dom Quixote na Wall Street. Como todo o homem de bom gosto, Menard abominava estes carnavais inúteis, só aptos — dizia — para ocasionar o plebeu prazer do anacronismo ou (o que é ainda pior) para nos encantar com a ideia primária de que todas as épocas são iguais ou de que são diferentes. Mais interessante, embora de execução contraditória e superficial, achava ele o famoso propósito de Daudet: conjugar numa figura, que é o Tartarín, o Engenhoso Fidalgo e o seu escudeiro... Quem insinuar que Menard dedicou a sua vida a escrever um Quixote contemporâneo, calunia a sua brilhante memória.

Não queria compor outro *Quixote* — o que é fácil —, mas «o» Quixote. Não vale a pena acrescentar que nunca encarou a possibilidade de uma transcrição mecânica do original; não se propunha copiá-lo. A sua admirável ambição era produzir umas páginas que coincidissem — palavra por palavra e linha por linha — com as de Miguel de Cervantes.

«O meu propósito é simplesmente espantoso», escreveu-me a 30 de Setembro de 1934 de Bayonne. «O termo final de uma demonstração teológica ou metafísica — o mundo exterior, Deus, a casualidade, as formas universais — não é menos anterior e comum que o meu divulgado romance. A única diferença é que os filósofos publicam em agradáveis volumes as fases intermédias do seu labor e eu resolvi que se perdessem.» Com efeito, não resta um só rascunho que testemunhe este trabalho de anos.

O método inicial que imaginou era relativamente simples. Conhecer bem o espanhol, recuperar a fé católica, guerrear contra os Mouros ou contra o Turco, esquecer a história da Europa entre os anos de 1602 e de 1918, ser Miguel de Cervantes. Pierre Menard estudou esse procedimento (sei que conseguiu um manejo bastante fiel do espanhol do século XVII), mas rejeitou-o por fácil. Ou antes, por impossível!, dirá o leitor. De acordo, mas a empresa era de antemão impossível, e de todos os meios impossíveis para a levar a cabo este era o menos interessante. Ser no século xx um romancista popular do século XVII pareceu-lhe uma diminuição. Ser, de algum modo, Cervantes e chegar ao *Quixote* pareceu-lhe menos árduo — por conseguinte, menos interessante — do que continuar a ser Pierre Menard e chegar ao *Quixote*, através das experiências de Pierre Menard. (Esta convicção, diga-se de passagem, fê-lo excluir o prólogo autobiográfico da segunda parte do *Dom*

Quixote. Incluir este prólogo seria criar outra personagem — Cervantes —, mas também significaria apresentar o *Quixote* em função dessa personagem e não de Menard. Este, naturalmente, recusou-se a essa facilidade.) «A minha empresa não é difícil, no essencial», leio noutra local da carta. «Bastar-me-ia ser imortal para a levar a cabo.» Confessarei que costumo imaginar que ele a terminou e leio o *Quixote* — todo o *Quixote* — como se o tivesse pensado Menard? Uma noite destas, ao folhear o capítulo XXVI — nunca tentado por ele —, reconheci o estilo do nosso amigo e como que a sua voz nesta frase excepcional: *las ninfas de los rios, la dolorosa y húmida Eco*. Esta conjugação eficaz de um adjectivo moral e outro físico trouxe-me à memória um verso de Shakespeare, que discutimos uma tarde:

Where a malignant and a turbaned Turk...

Porquê precisamente o *Quixote*?, dirá o nosso leitor. Esta preferência, num espanhol, não teria sido inexplicável; mas é-o sem dúvida num simbolista de Nîmes, devoto essencialmente de Poe, que gerou Baudelaire, que gerou Mallarmé, que gerou Valéry, que gerou Edmond Teste. A carta já citada ilumina este ponto. «O *Quixote*», esclarece Menard, «interessa-me profundamente, mas não me parece, como direi?, inevitável. Não posso imaginar o universo sem a interjeição de Poe:

Ah, bear in mind this garden was enchanted!

ou sem o *Bateau ivre* ou o *Ancient Mariner*, mas sei-me capaz de imaginá-lo sem o *Quixote*. (Falo naturalmente da minha capacidade pessoal, não da ressonância histórica das obras.) O *Quixote* é um livro contingente, o *Quixote* é desnecessário. Posso premeditar a sua escrita, posso escrevê-lo, sem incorrer numa tautologia. Aos doze ou treze anos li-o, talvez integralmente. Depois reli com atenção alguns capítulos, os que não irei tentar por agora. Estudei igualmente os entremezes, as comédias, *A Galateia*, as *Novelas Exemplares*, os trabalhos sem dúvida laboriosos de *Persiles e Segismunda* e a *Viagem do Parnaso*... A minha lembrança geral do *Quixote*, simplificada pelo esquecimento e pela indiferença, pode muito bem equivaler à imprecisa imagem anterior de um livro não escrito. Postulada esta imagem (que ninguém em boa-fé me pode negar) é indiscutível que o meu problema é muito mais difícil que o de Cervantes. O meu complacente precursor não recusou a colaboração do acaso: ia compondo a obra imortal um pouco à *la diable*, levado por inércias da linguagem e da invenção. Eu contraí o misterioso dever de reconstruir literalmente a sua obra espontânea. O meu solitário jogo é governado por duas leis polares. A primeira permite-me experimentar variantes de tipo

formal ou psicológico; a segunda obriga-me a sacrificá-las ao texto "original" e a raciocinar de um modo irrefutável essa anulação... A estes entraves artificiais tem de se juntar outro, congénito. Compor o *Quixote* nos princípios do século XVII era uma empresa razoável, necessária, porventura até fatal; nos princípios do xx, é quase impossível. Não foi em vão que transcorreram trezentos anos, carregados de complexísimos factos. Entre os quais, para mencionar um único: o próprio *Quixote*.»

Apesar destes três obstáculos, o fragmentário *Quixote* de Menard é mais subtil que o de Cervantes. Este, de um modo grosseiro, opõe às ficções cavaleirescas a pobre realidade provinciana do seu país; Menard escolhe como «realidade» a terra de Carmen durante o século de Lepanto e de Lope. Que espanholadas não teria aconselhado essa opção a Maurice Barrès ou do doutor Rodríguez Larreta! Menard, com toda a naturalidade, evita-as. Na sua obra não há nem ciganadas, nem conquistadores, nem místicos, nem Filipe II, nem autos-de-fé. Desatende ou proscree a cor local. Este desdém indica um sentido novo do romance histórico. Este desdém condena *Salambo*, inapelavelmente.

Não menos assombroso é considerar capítulos isolados. Por exemplo, consideremos o XXXVIII da primeira parte, «que trata do curioso discurso que fez Dom Quixote das armas e das letras». É sabido que Dom Quixote (tal como Quevedo na passagem análoga, e posterior, de *La hora de todos*) falha o pleito contra as letras e a favor das armas. Cervantes era um velho militar: a sua falha explica-se. Mas que o Dom Quixote de Pierre Menard — homem contemporâneo de *La trahison des clercs* e de Bertrand Russell — reincida nesses nebulosos sofismas! Madame Bachelier viu nelas uma admirável e típica subordinação do autor à psicologia do herói; outros (nada perspicazmente) uma *transcrição* do *Quixote*; a baronesa de Bacourt, a influência de Nietzsche. A esta terceira interpretação (que julgo irrefutável) não sei se me atreverei a acrescentar uma quarta, que condiz muito bem com a quase divina modéstia de Pierre Menard: o seu hábito resignado ou heróico de propagar ideias que eram o rigoroso reverso das preferidas por ele. (Relembremos outra vez a sua diatribe contra Paul Valéry na efémera folhinha super-realista de Jacques Reboul.) O texto de Cervantes e o de Menard são verbalmente idênticos, mas o segundo é quase infinitamente mais rico. (Mais ambíguo, dirão os seus detractores; mas a ambiguidade é uma riqueza.)

É uma revelação cotejar o *Dom Quixote* de Menard com o de Cervantes. Este, por exemplo, escreveu (*Dom Quixote*, primeira parte, nono capítulo):

«... la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones, testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir^[3].»

Redigida no século XVII, redigida pelo «engenho leigo» Cervantes, esta enumeração é um simples elogio retórico da História. Menard, em contrapartida, escreve:

«... *la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones, testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir.*»

A história, mãe da verdade: a ideia é espantosa. Menard, contemporâneo de William James, não define a história como uma investigação da realidade, mas sim como a sua origem. A verdade histórica, para ele, não é o que aconteceu; é o que julgamos que aconteceu. As cláusulas finais — «exemplo e aviso do presente, advertência do porvir» — são desafrontadamente pragmáticas.

Também é vivo o contraste dos estilos. O estilo arcaizante de Menard — estrangeiro mesmo — sofre de uma certa afectação. Não sucede o mesmo com o do precursor, que maneja com desenvoltura o espanhol corrente da sua época.

Não há exercício intelectual que por fim não seja inútil. Uma doutrina filosófica ao princípio é uma descrição verosímil do universo; passam os anos e é um simples capítulo — quando não um parágrafo ou um nome — da história da filosofia. Na literatura, esta capacidade final é ainda mais notória. O *Quixote* — disse-me Menard — foi acima de tudo um livro agradável; agora é uma ocasião de brindes patrióticos, de soberba gramatical, de obscenas edições de luxo. A glória é uma incompreensão, e quiçá a pior.

Nada têm de novo estas comprovações niilistas; o singular é a decisão que delas fez derivar Pierre Menard. Resolveu adiantar-se à vacuidade que aguarda todas as fadigas do homem; lançou-se numa empresa complexíssima e de antemão fútil. Dedicou os seus escrúpulos e vigílias a repetir num idioma alheio um livro preexistente. Multiplicou os rascunhos; corrigiu tenazmente e rasgou milhares de páginas manuscritas^[4]. Não permitiu que fossem analisadas por ninguém e cuidou para que não lhe sobrevivessem. Em vão procurei reconstituí-las.

Reflecti que é lícito ver no *Quixote* «final» uma espécie de palimpsesto, em que deverão transparecer os vestígios — ténues, mas não indecifráveis — da «prévia» escrita do nosso amigo. Infelizmente, só um segundo Pierre Menard, invertendo o trabalho do anterior, poderia vir a exumar e ressuscitar essas Tróias...

«Pensar, analisar, inventar (escreveu-me também) não são actos anómalos, são a normal respiração da inteligência. Glorificar o ocasional cumprimento dessa função, entesourar antigos e alheios pensamentos, recordar com ingénua estupefacção o que o *doctor universalis* pensou, é

confessar a nossa fraqueza de espírito ou a nossa barbárie. Todo o homem tem de ser capaz de todas as ideias e entendo que no porvir o será.»

Menard (porventura sem querer) enriqueceu por meio de uma técnica nova a arte estagnada e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições erróneas. Esta técnica de aplicação infinita instanos a percorrer a *Odisseia* como se fosse posterior à *Eneida* e o livro *Le jardin du Centaure* de Madame Henri Bachelier como se fosse de Madame Henri Bachelier. Esta técnica povoa de aventura os livros mais calmosos. Atribuir a Louis Ferdinand Céline ou a James Joyce *A Imitação de Cristo*, não é uma suficiente renovação desses ténues avisos espirituais?

Nîmes, 1939.

^[1] Madame Henri Bachelier enumera igualmente uma versão literal da versão literal que fez Quevedo da Introduction à la vie dévôte de São Francisco de Sales. Na biblioteca de Pierre Menard não há vestígios de tal obra. Deve tratar-se de uma piada do nosso amigo, mal ouvida.

^[2] Tive também o propósito secundário de esboçar o retrato de Pierre Menard. Porém, como posso ousar competir com as páginas áureas que me dizem que prepara a baronesa de Bacoun ou com o lápis delicado e pontual de Carolus Hourcade?

^[3] «...a verdade, cuja mãe é a história, émula do tempo, depósito das acções, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do porvir».

^[4] Lembro-me dos seus cadernos quadriculados, das sua negras rasuras, dos seus peculiares símbolos tipográficos e da sua letra de insecto. Ao pôr do Sol gostava de sair a passear pelos redores de Nîmes; costumava levar consigo um caderno e fazer uma alegre fogueira.